

O impacto da emigração recente no número de nascidos-vivos em Portugal

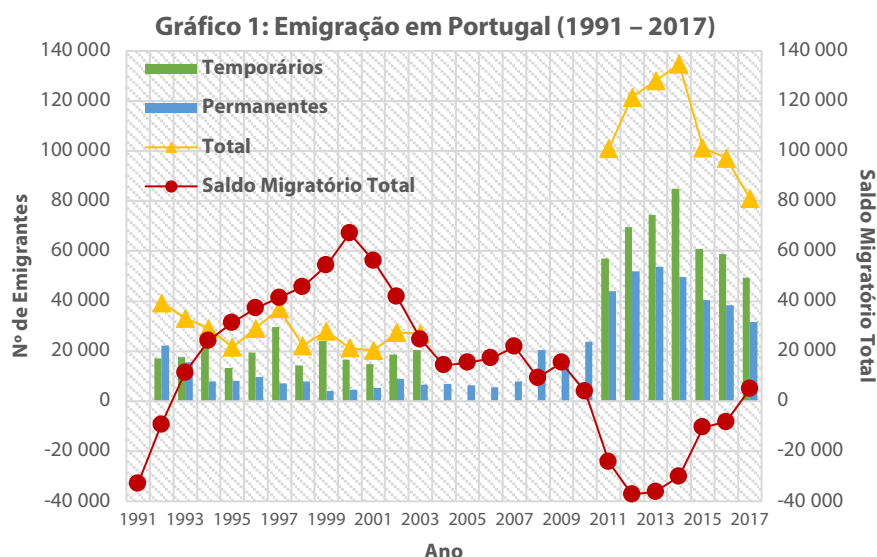
Filipe Ribeiro (fribeiro@uevora.pt) | Lídia P. Tomé | Maria Filomena Mendes | M. Graça Magalhães

A conjuntura económica em Portugal

A recente crise económica observada em Portugal não foi exclusiva do país e registou repercussões massivas a nível internacional. Desde 2008, em Portugal, registaram-se os mais variados cortes no investimento e despesa pública, resultando num grande aumento da taxa de desemprego. Realizaram-se algumas tentativas de minoração dos efeitos da crise económica com a institucionalização de medidas de austeridade como o Programa de Estabilidade e Crescimento (PEC), mas estas não evitaram a intervenção do Fundo Monetário Internacional (FMI), trazendo a *Troika* a Portugal (Alves, 2015; Ribeiro *et al.*, 2015). Durante o seu período em Portugal (2011 – 2014), o país não conseguiu manter a capacidade para atrair novos residentes ou até de fazer regressar aqueles que tinham há muito saído em busca de melhores condições de vida, voltando a ser um país com forte emigração à semelhança do já observado no passado. Apesar desta emigração se dividir entre temporária e permanente, a verdade é que, muito provavelmente, alguns daqueles que pensaram sair do país apenas temporariamente, poderão passar a emigrantes permanentes.

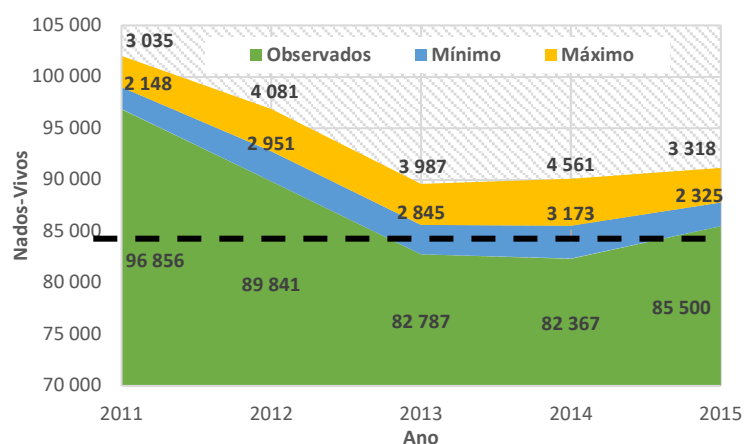
Emigrantes e saldo migratório (1991 – 2017)

Apesar de existirem algumas quebras de informação na série temporal apresentada no *gráfico 1*, os resultados ali apresentados espelham claramente o impacto da conjuntura económica observada recentemente em Portugal. Mesmo verificando-se alguma capacidade atrativa no início dos anos 90 visível, esta é fraca e reflete-se no saldo migratório negativo registado. No entanto, os valores positivos observados até ao início da crise económica denotam uma capacidade atrativa e de fixação relativa, que se inverteu completamente em 2011, o ano da entrada da *Troika* em Portugal. Até 2014, entre emigrantes permanentes e temporários, saíram de Portugal aproximadamente **meio milhão de indivíduos** (485 128), registando-se simultaneamente um **saldo migratório negativo acima dos 30 mil**. Tais valores têm grande impacto num país envelhecido como Portugal.



Quantos nados-vivos se perderam para a emigração em Portugal?

Entre 2011 e 2015 registou-se em Portugal um **número de emigrantes bastante elevado** (*gráfico 1*) e, independentemente de serem de índole permanente ou temporária, tratando-se de **pessoas em idade ativa jovem, a sua saída de Portugal levará a que os seus filhos venham a nascer no país de destino**, principalmente porque, apesar da dificuldade em quantificar, alguns dos emigrantes temporários podem passar, mais tarde, a permanentes. Por esta razão, tivemos curiosidade em perceber qual teria sido o possível impacto da sua saída, versus a sua permanência em Portugal, nos níveis de natalidade observados no país. Em primeiro lugar, tivemos em conta que a idade média ao nascimento de um filho em Portugal ronda os 30 anos de idade, e é precisamente entre os 20 e 49 anos que se concentram os maiores fluxos de (e)migração, que correspondem maioritariamente aos jovens adultos, que não só pretendem encontrar condições de trabalho satisfatórias, não precárias e com um salário compatível com as expectativas dadas as suas habilitações literárias e qualificações profissionais, como também muitos deles desejam e estão prestes a constituir família. Neste sentido, e tendo como ideia base recalculer o número de nados-vivos que se iriam registar caso esses mesmos emigrantes tivessem ficado em Portugal e adotado os comportamentos de fecundidade daqueles que ficaram a residir no país, estimámos o impacto das migrações no número de nados-vivos registados se aqueles emigrantes, mulheres e



homens, tivessem registado idêntico comportamento de fecundidade ao dos residentes no país, nas mesmas idades.

Assim, caso Portugal tivesse exercido uma força (re)atractiva ou de fixação sobre estes mesmos emigrantes, o número de nados-vivos registados no nosso país teria aumentado independentemente de assumirmos que estes emigrantes teriam saído do país sem companheiros (fosse porque os tivessem mas ficassem em Portugal ou porque não os tivessem e os

encontrassem no país de destino) ou acompanhados pelos seus parceiros. A simulação efetuada permitiu estimar um intervalo de valores considerados como o mínimo e o máximo de nados-vivos possíveis de atingir ao longo dos anos em observação. Concluímos que ao longo destes anos ter-se-ão “perdido” entre um mínimo de **13 443** e um máximo de **18 981** nados-vivos, resultado da forte emigração registada no país, valores que num contexto de baixa natalidade se revestem de toda a importância. Adicionalmente, em nenhum dos cenários, se teria observado um número de nados-vivos inferior a 85 000, nos anos em análise (*gráfico 2*).

Publisher: [Laboratory of Demography, CIDEHUS-UE, Portugal.](http://www.cidehus.uevora.pt)

| CIDEHUS-UID/HIS/00057/2013 (POCI-01-0145-FEDER-007702)

Contact: demographylab@uevora.pt

Main Editor: Lúcia P. Tomé | **Editorial Board:** Andreia Maciel, Filipe Ribeiro,

Lúcia P. Tomé, Maria F. Mendes, M. Graça Magalhães & Rita B. Freitas.

ISSN 2184 - 1330

Web: www.cidehus.uevora.pt/Laboratorios/laboratorio_demografia

Twitter: @DemoLab_UEVORA | **Facebook:** /DemoLabUE

Citation: Ribeiro, F. (2018). O impacto da crise económica recente no número de nados-vivos em Portugal. *Population News, Trends and Attitudes* nº8, dezembro, pp. 1-2.

Layout: Susana Rodrigues